

ARTES PLÁSTICAS

FREDERICO MORAIS

Descontraída, a gravura envereda por caminhos menos escatológicos

A gravura sempre foi, no Brasil, um território privilegiado — ótimos artistas, apoio institucional, prêmios no exterior, oficinas e até galerias especializadas. Como consequência, o salto qualitativo de nossa gravura tem sido muito alto desde os anos 50.

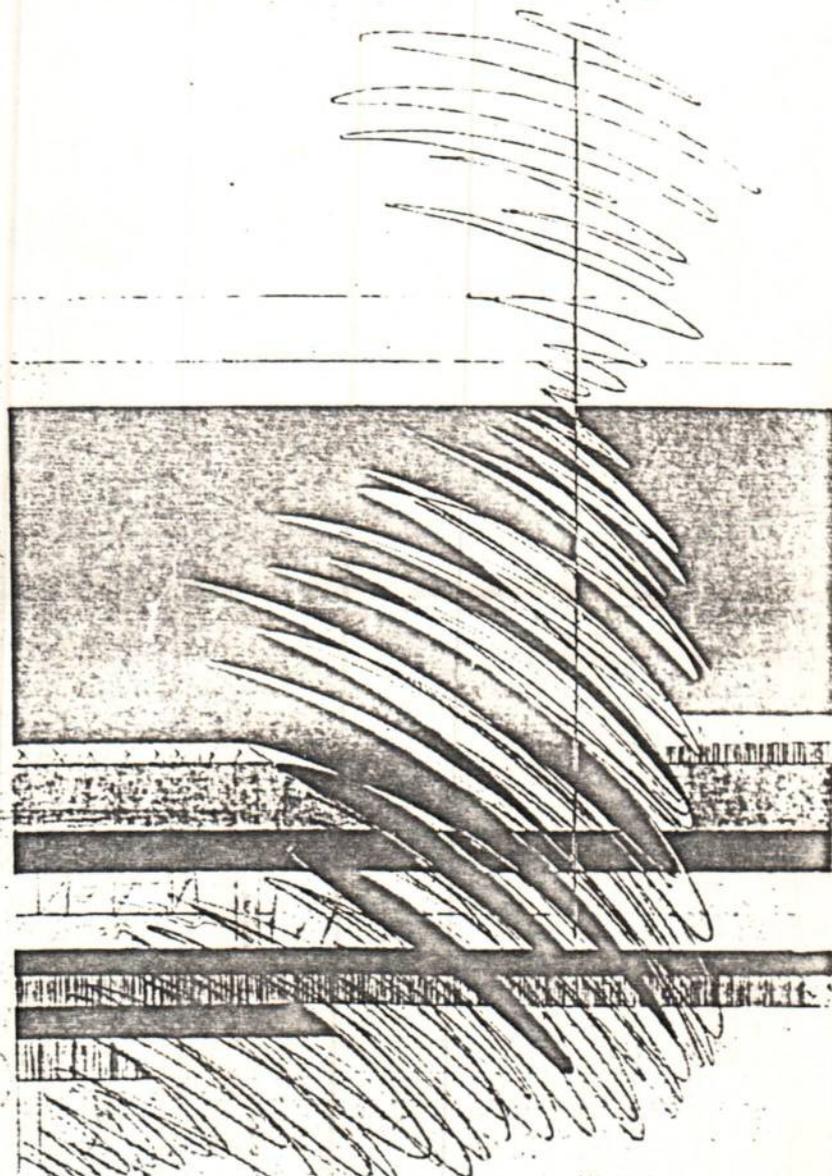
Ao mesmo tempo, porém, a gravura sempre foi o território do específico e da forma muito mais enfática no Brasil, onde se exige de seus cultores uma espécie de dedicação exclusiva. Na verdade, esta situação começou a mudar nos últimos tempos, simultaneamente à debandada de muitos de nossos notáveis gravadores para outros campos expressivos — pintura, aquarela e até mesmo escultura. (Faya Ostrower, no entanto, anuncia seu próximo retorno à xilogravura, depois de enveredar nos últimos anos pela aquarela).

Enquanto isso ocorria, uma nova geração de gravadores, surgida em ateliês outros, além do Museu de Arte Moderna do Rio, descontraía a gravura, introduzindo novos temas, geralmente mais leves e urbanos, isto é, menos escatológicos e subjetivos. E em movimento contrário, pintores e artistas de outras áreas também se aproximaram da gravura, inicialmente pela via serigráfica, em seguida pela litografia, mais próxima do desenho, alcançando agora o metal. Ou seja: o específico vai cedendo a uma abordagem mais livre e o dado técnico já não é o valor mais alto.

A mostra que está sendo realizada pela GB-Arte (que antes, como se sabe, fora uma galeria especializada em gravura) é bem ilustrativa desses novos tempos.

Da mesma maneira como a galeria se abriu para novos meios, em seus negócios, os expositores desta coletiva vieram, em sua maior parte, de outras áreas. Revelador deste novo comportamento é a própria montagem da exposição, valorizando os conjuntos e arranjos, como que a afirmar que cada gravura vale por si, pelo que tecnicamente ela é, mas vale sobretudo como obra de arte, pela imagem que ela cria, pelas questões estáticas que ela põe e que dizem respeito não mais exclusivamente à gravura, mas à arte atual.

Neste sentido, as propostas mais interessantes são aquelas de artistas oriundos da pintura e justamente aquela mais marcadamente de vanguarda, seja a gestual e energética, seja a da vertente construtiva, sem-



Gravura (metal, água tinta e água forte), 1983, de Solange de Oliveira, na GB-Arte

pre muito atual e criativa no Brasil. E entre todos, destaca-se Paulo Roberto Leal criando um jogo visual em que entram linhas e planos, forma e contra-forma e um constante permutar de cores vibrantes. Claudio Fonseca, que vem de um período de indecisões temático-formais, movimentou-se com desenvoltura sobre a chapa de metal, criando uma pseudomoldura interna para melhor ativar suas "pinceladas". Manfredo Souza-neto usa um meio gráfico mais "pobre", a xilo, em tons quase apagados, para continuar no jogo que ele próprio criou: conteúdo e continente, o dentro e o fora, Minas e Gerais, o feminino e o masculino.

Beatriz Milhazes escolhe a mesma

via "pobre" ainda que no metal, selecionando um dos vocábulos de sua pintura, a coluna, para com a repetição do mesmo elemento figurativo criar um simulacro externo da mesma coluna, base de seu novo edifício construtivo. Mário Azevedo e Armando Matos ficam mais perto da tradição, explorando o primeiro o próprio branco do papel e suas ranhuras e, o segundo, as texturas, mas em ambos os casos com bons resultados. Solange de Oliveira mostra-se um tanto repetitiva, Victor Arruda limita-se a reproduzir, em serigrafia, um de seus desenhos e o restante é desigual ou pobre. No conjunto, uma boa mostra que deve ser vista com interesse.